

2010
vestibular nacional
UNICAMP

2ª Fase

Língua Portuguesa

INTRODUÇÃO

Como em anos anteriores, em 2010 a prova de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa procurou avaliar a relação do candidato com diferentes aspectos da linguagem.

As questões de Língua Portuguesa focalizaram o funcionamento da linguagem, a fim de avaliar o conhecimento relativo aos processos de significação e às várias possibilidades de formulação da escrita.

Já as questões de Literatura voltaram-se para a análise literária, com o intuito de avaliar a leitura e a interpretação das obras constantes da lista divulgada previamente.

Nas páginas que se seguem, apresentamos as questões da prova deste ano, acompanhadas das respostas esperadas e de dois exemplos de resoluções – um que obteve nota abaixo da média e outro que recebeu nota acima da média –, com os comentários da banca elaboradora. Esperamos que o candidato, tendo acesso a esse material, possa fazer uma análise minuciosa da prova e tenha uma compreensão mais profunda dos critérios de correção que regem uma prova dissertativa como a da Unicamp.

Pretendemos também mostrar que a correção, embora norteada por critérios preestabelecidos, busca contemplar diversas formulações das respostas esperadas. A grade de correção proposta pela banca elaboradora não se pretende definitiva. Ela é adaptada, de modo a incluir respostas que, embora não previstas inicialmente, se mostrem adequadas aos objetivos propostos pelas questões.

1.



Retirada de www.eitapiula.net/2009/09/aurelio.jpg

Nessa propaganda do dicionário Aurélio, a expressão “bom pra burro” é polissêmica, e remete a uma representação de dicionário.

- a) Qual é essa representação? Ela é adequada? Justifique.
- b) Explique como o uso da expressão “bom pra burro” produz humor nessa propaganda.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

A representação aludida é a de que o dicionário é o “pai dos burros”, associando o uso do dicionário à ignorância. Dito de outra forma, o dicionário serviria a quem não conhece a língua ou, mais do que isso, a quem a conhece mal.

É inadequado associar ignorância ao uso do dicionário: a representação pressupõe que as pessoas possam conhecer todas as palavras de uma língua e seus significados, ou ainda, que o dicionário possa conter todas as palavras e significados de uma língua. Diferentemente, o dicionário é um objeto histórico e só imaginariamente poderia conter todas as palavras e os significados de uma língua, que também é histórica. O dicionário, assim como qualquer outro instrumento linguístico, é resultado de interpretações sobre a língua e não um retrato da realidade dessa língua, além de ser um importante instrumento de consulta.

b) (2 pontos)

“Pra burro” é frequentemente associado à intensidade, quantidade, ao advérbio ‘muito’. Assim, a expressão “bom pra burro” significa ‘muito bom’. Ao vir junto à imagem de um dicionário, permite a associação à expressão “pai dos burros” (representação estabilizada de dicionário). O humor é provocado, portanto, pela

convivência das duas associações no uso da expressão, colocando lado a lado a qualidade de ser muito bom e a imagem estereotipada de ser destinado a pessoas burras.

Exemplo Acima da Média

a) Remete à representação do dicionário como o "pai dos burros", ou seja, apenas pessoas com baixo grau de instrução necessitariam de sua orientação. É uma representação inadequada pois o dicionário pode servir de auxílio para pessoas com os mais variados graus de instrução.

b) A expressão "bom pra burro" pode ser entendida tanto como "muito bom" quanto como "direcionada a pessoas burras". É essa ambiguidade que produz o humor.

Exemplo Abaixo da Média

a) A representação que remete à do dicionário ser muito bom, é adequada, pois mesmo se tratando de uma coloquialidade trata-se de um jargão utilizado pelas pessoas, portanto a ideia de boa qualidade que a propaganda pretende transmitir é entendida por quem a lê.

b) O humor é produzido pela polissemia da expressão "bom pra burro", pois indica a boa qualidade do produto e ironiza e ridiculariza com o leitor, uma vez que pressupõem-se que quem consulta o dicionário não sabe o significado da palavra. Portanto, o dicionário é bom para quem não sabe ou não entende as coisas, ou seja, coloquialmente burro.

Comentários

Nessa questão, procurou-se dar relevo para o funcionamento do dicionário como um importante instrumento linguístico, que é muito mais do que um mero livro de consulta. Ao trazer a polissemia, importante característica da linguagem, procurou-se não apenas salientar os diferentes efeitos dos usos das palavras na língua, mas também o que vai se estabilizando na história da sociedade com a escrita e os instrumentos que representam a língua e, por consequência, representam seus usuários. Desse modo, deu-se ênfase nessa questão ao valor simbólico não apenas da linguagem, mas também dos seus usuários, apontando, no caso específico, os imaginários em torno do domínio da escrita. Os candidatos tiveram maior dificuldade em estabelecer a relação entre o valor de intensidade que a expressão "pra burro" revela e sua qualidade como predicativo de um sujeito. Ao mesmo tempo foi revelador verificar que muitos candidatos conferiram valor de verdade à leitura literal da imagem histórica do dicionário como "pai dos burros", atribuindo o uso dos dicionários àqueles que são ignorantes. Esta imagem, sem dúvida alguma, é tema interessante de ser trabalhado pela escola.

2.



Quino, *Toda Mafalda*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 6ª. Edição, 2003.

Nessa tirinha da famosa *Mafalda* do argentino Quino, o humor é construído fundamentalmente por um produtivo jogo de referência.

- Explicita como o termo “estrangeiro” é entendido pela personagem Mafalda e pelo personagem Manolito.
- Identifique duas palavras que, nessa tirinha, contribuem para a construção desse jogo de referência, explicando o papel delas.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Mafalda: “estrangeiro” refere-se a todos os países com exceção da Argentina (ou seja, o seu país) independentemente de quem fala (do enunciador).

Manolito: “estrangeiro” refere-se a qualquer país dependendo de quem fala (do enunciador). No caso específico, refere-se à própria Argentina, país de migração do pai de Manolito.

b) (2 pontos)

deixar, veio, o país, um país, (Pátria) dele, (pra) cá, este (não é um) país.

Observa-se que “o país”, que ocorre na primeira fala de Mafalda, é retomado diferentemente por Manolito e Mafalda. O primeiro retoma o termo a partir da generalização (todo e qualquer país) e a segunda, de maneira específica (a Argentina). Além disso, “dele”, “cá” e “este” marcam a perspectiva de quem fala (o “Eu”). Assim, na referência de “estrangeiro” construída pela personagem Manolito, “dele” e “cá” constroem a diferença espacial entre a localização do país de origem e a do país de destino do pai da personagem (nesse caso, a Argentina é o país estrangeiro do pai de Manolito): a presença do verbo “vir” marca bem esse movimento de fora para o aqui. Por outro lado, “este”, ao marcar a proximidade do objeto (país) com o “Eu” que fala (Mafalda), localiza a personagem na Argentina, e por isso o verbo “deixar” marca bem o movimento do aqui para fora. Obs.: O candidato precisará explicar o papel de apenas duas das palavras (necessariamente relacionadas à perspectiva de Mafalda e de Manolito).

Exemplo Acima da Média

a) O termo "estrangeiro" para Mafalda são todos os países, com exceção do dela. Já "estrangeiro" para Manolito são os países que não são de origem de uma determinada pessoa, mas o país desta pessoa pode ser "o estrangeiro" para alguém de outro país.

b) ~~Duas palavras podem ser~~
Duas palavras que contribuíam foram deixar e não.
O papel da palavra deixar explicita que o estrangeiro não é ali.
O papel da palavra não explicita que o estrangeiro pode ser ali.

Exemplo Abaixo da Média

a) Mafalda entende pelo termo 'estrangeiro' todos os países que não são o seu, no caso a Argentina. Enquanto Manolito entende por 'estrangeiro' aquele país que não é o seu de origem.

b) As palavras "Pátria" e "País", que exercem consecutivamente o papel de especificar e abramigar a possibilidade de locais referentes, ou seja, a primeira restringe a um local específico e a segunda abre a quantidade de locais.

Comentários

Nessa típica questão que trabalha o funcionamento da referência, o candidato precisava não só saber que a referência é construída pela linguagem no ato da enunciação (ou seja, depende do falante, do aqui e do agora), quanto dominar essas relações em que o 'aqui' e o 'lá' fazem toda a diferença. Assim, a interpretação de 'estrangeiro' dependia desse conhecimento abstrato da referência e de uma desenvoltura com o ir e vir dos sentidos quando são movimentados com graça e leveza por grandes escritores. Os candidatos tiveram dificuldade nos dois itens, revelando um desconhecimento do funcionamento da referência, o que deve ser observado pelas escolas. Desse modo, os candidatos não conseguiam entender as duas formas de significar 'estrangeiro', nem mostrar como algumas palavras usadas na tira contribuíam nessa diferença, o que demandaria perceber que o sentido não está na palavra, mas no modo como é trabalhada no ato da enunciação.

3. "Os turistas que visitam as favelas do Rio se dizem transformados, capazes de dar valor ao que realmente importa", observa a socióloga Bianca Freire-Medeiros, autora da pesquisa "Para ver os pobres: a construção da favela carioca como destino turístico". "Ao mesmo tempo, as vantagens, os confortos e os benefícios do lar são reforçados por meio da exposição à diferença e à escassez. Em um interessante paradoxo, o contato em primeira mão com aqueles a quem vários bens de consumo ainda são inacessíveis garante aos turistas seu aperfeiçoamento como consumidores."

No geral, o turista é visto como rude, grosseiro, invasivo, pouco interessado na vida da comunidade, preferindo visitar o espaço como se visita um zoológico e decidido a gastar o mínimo e levar o máximo. Conforme relata um guia, *“O turismo na favela é um pouco invasivo, sabe? Porque você anda naquelas ruelas apertadas e as pessoas deixam as janelas abertas. E tem turista que não tem ‘desconfiômetro’: mete o carão dentro da casa das pessoas! Isso é realmente desagradável. Já aconteceu com outro guia. A moradora estava cozinhando e o fogão dela era do lado da janelinha; o turista passou, meteu a mão pela janela e abriu a tampa da panela. Ela ficou uma fera. Aí bateu na mão dele.”* (Adaptado de Carlos Haag, Laje cheia de turista. Como funcionam os tours pelas favelas cariocas. Pesquisa FAPESP nº. 165, 2009, p.90-93.)

- a) Explique o que o autor identifica como “um interessante paradoxo”.
- b) O trecho em itálico, que reproduz em discurso direto a fala do guia, contém marcas típicas da linguagem coloquial oral. Reescreva a passagem em discurso indireto, adequando-a à linguagem escrita formal.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

O paradoxo consiste no fato de que o contato com a escassez de bens de consumo implica a satisfação de ter esses bens que ativa ainda mais a necessidade e o prazer de ser um consumidor eficiente. O que soa ainda mais paradoxal é o fato de os turistas afirmarem que, após essa experiência, passam a dar valor ao que realmente importa.

b) (2 pontos)

O trecho em itálico deve ser reescrito integralmente em discurso indireto e escrita formal, sem a presença de marcas típicas da linguagem coloquial. Várias são as possibilidades dessa reescritura, dentre elas:

O guia afirmou que o turismo na favela é um pouco invasivo. Anda-se em ruelas apertadas nas quais as janelas abertas expõem os moradores a turistas inconvenientes, que invadem a privacidade alheia, gerando mal-estar. A propósito, o guia relatou o que foi presenciado por um colega de trabalho durante uma visita: um turista introduziu sua mão pela janela de uma casa e tirou a tampa da panela de uma moradora que cozinhava no momento. Irritada, a moradora o repreendeu com um tapa em sua mão.

Exemplo Acima da Média

a) O paradoxo está no fato da escassez absoluta do outro funcionar como incentivo de consumo ao turista. Apesar de o último digir-se transformado pela visita, capaz de dar valor ao que tem, e que a pobreza da favela verdadeiramente incita no turista o consumo, por lhe ficarem expostas as vantagens e confortos de possuir itens de consumo.

b) O guia relatou que o turismo na favela é por vezes invasivo. Isso porque os moradores deixam suas janelas abertas, e as ruas são apertadas e alguns turistas não respeitam a privacidade dos donos das casas: olham pelas janelas alheias. Tal atitude foi considerada pelo guia como desagradável, impressão reforçada pela história que contou depois, sobre um caso ocorrido com um colega de profissão. Ocorre que uma moradora estava cozinhando em seu fogão, localizado perto de uma janela aberta. Um turista que por ali passava viu a uma, e abriu a panela na qual a moradora cozinhava, colocando sua mão pela janela aberta. A moradora reagiu com raiva: deu um tapa na mão do turista.

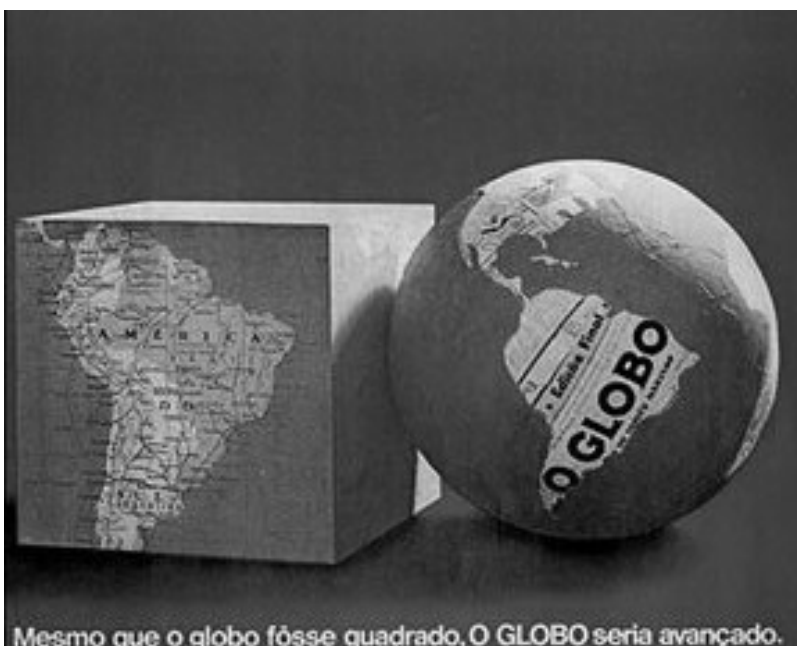
Exemplo Abaixo da Média

- a) O paradoxo indicado pelo autor é a comparação entre a vida "fácil" dos turistas que visitam as favelas cariocas e a vida "difícil" dos moradores dessas favelas.
- b) O turismo na favela é um pouco invasivo. Porque se anda por pequenas ruas apertadas e as pessoas abrem as janelas abertas. Tem turista que não é discreto e se intromete na casa das pessoas! Isso é realmente desagradável. Já aconteceu com um guia. A moradora estava cozinhando e o fogão dela ficava próximo à janela; o turista passou, entrou com a mão pela janela e abriu a tampa da panela. Ela ficou furiosa então, estapeou a mão dele.

Comentários

Nessa questão, além da interpretação sustentada pela prática da leitura, exige-se do candidato familiaridade com os discursos oral e escrito, formal e informal, além do conhecimento das diferenças entre a estrutura do discurso direto e a do discurso indireto. O próprio sentido de paradoxo também estava em jogo, pois para interpretá-lo era preciso saber do que se tratava. Muitos candidatos se valeram da cópia de trechos da reportagem para a resposta ao item **a**, problema sério que deve ser trabalhado pelas escolas. No item **b**, a maior dificuldade foi a transposição da passagem para o discurso formal da escrita. Muitos candidatos valeram-se da estratégia de suprimir trechos, evitando a dificuldade de reescrevê-los sob uma outra forma discursiva. Isso revela certa fragilidade na convivência com diferentes conjuntos lexicais e textuais, que garantiria desenvoltura no trânsito entre estes diferentes discursos: movimento importante para uma relação mais sustentada com a linguagem.

4. Nessa propaganda, há uma interessante articulação entre palavras e imagens.



Retirada de www.diariodapropaganda.blogspot.com

- a) Explique como as imagens ajudam a estabelecer as relações metafóricas no enunciado "Mesmo que o globo fosse quadrado, O GLOBO seria avançado".
- b) Indique uma característica atribuída pela propaganda ao produto anunciado. Justifique.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Habitualmente, o mapa-múndi, também chamado de "globo", é representado por uma esfera. O GLOBO é o nome de um jornal diário impresso. Na propaganda, o mapa-múndi está na forma de um cubo, enquanto a esfera, mesmo guardando algumas marcas de mapa-múndi (contornos dos continentes, por exemplo), ressalta a imagem do jornal O GLOBO. Nessa contraposição, articulada ao enunciado, temos o quadrado relacionado a conservador, retrógrado, e a esfera a avançado. Isso permite associar O GLOBO (jornal) com o mapa-múndi (globo), atribuindo sentidos para o jornal como, por exemplo, o de ser avançado, moderno, à frente do seu tempo, o de possuir uma cobertura internacional, estar inserido na globalização, etc. Deve-se acrescentar outra possibilidade de associação entre as imagens e o enunciado, qual seja, a de uma antiga representação da terra como plana (simbolizada pela forma cúbica) em oposição à concepção atual (simbolizada pela forma esférica).

b) (2 pontos)

O jornal é moderno, antenado, inovador. Essas características são construídas pela associação do nome próprio "O GLOBO" a "avançado", em contraste com o substantivo comum "globo" associado a "quadrado" (conservador, tradicional, antiquado, retrógrado). As imagens (mapa-múndi quadrado e o globo terrestre com vestígios do jornal O GLOBO) reforçam essa associação. Essa associação também pode ser enfatizada pela referência à oposição entre a antiga e a atual representação da terra, conferindo ao jornal O GLOBO, pela metáfora da ciência, a característica do progresso, do moderno, do inovador, de estar além de seu tempo.

Exemplo Acima da Média

a) O planeta Terra, representado em formato de quadrado, mostra ideia de atraso. Por outro lado, na representação esférica, com "O Globo" (nome do jornal) escrito na região do Brasil, representa o avanço: "O Globo" escrito "no globo", que é o formato da Terra (contrastando com a ideia antiga de que ela não era o seu formato).

b) A propaganda caracteriza o produto como superior, avançado, pois mesmo que o planeta fosse "quadrado", que é uma ideia ultrapassada, o jornal "O Globo" não o seria. Depreende-se tal ideia a partir do uso da palavra "avançado" e da inscrição "O Globo" na esfera.

Exemplo Abaixo da Média

a) Há duas interpretações para o "O Globo", uma é o mundo e a outra é a jornal. Por isso "Mesmo que o globo (mundo) fosse quadrado, O GLOBO (jornal) seria avançado."

b) De acordo com a propaganda a característica atribuída ao produto (jornal O GLOBO) é avançada (moderno)

Comentários

A questão 4 colocava em tela a necessidade de estabelecer relações para se compreender fatos de linguagem. No caso específico, relações entre palavras e imagens. A maior dificuldade dos candidatos foi aliar a descrição das imagens aos sentidos, à interpretação. Ou bem o candidato as interpretava sem descrever e, portanto, sem mostrar a relação entre as imagens e as palavras, ou bem a descrição aparecia isolada como auto-explicativa. Nesse sentido, os candidatos foram melhor no item **b**, em que, para alcançar metade da nota, bastava apresentar uma característica atribuída ao jornal. É, então, na justificativa que vários esbarraram na dificuldade de formular as associações entre as imagens e as palavras para sustentar a qualidade atribuída ao jornal.

5.



Retirada de www.miriamsalles.info/wp/wp-content/uploads/acord

- a) Qual é o pressuposto da personagem que defende o acordo ortográfico entre os países de língua portuguesa? Por que esse pressuposto é inadequado?
- b) Explique como, na tira ao lado, esse pressuposto é quebrado.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

O pressuposto é o de que a unificação ortográfica garantiria a unidade linguística. Esse pressuposto é inadequado, uma vez que a língua não é constituída apenas por sua ortografia mas também por aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos, fonológicos e discursivos que implicam a relação histórica do falante com a língua que se territorializa em um dado espaço e tempo.

b) (2 pontos)

A quebra se dá na dificuldade de compreensão semântica de itens lexicais usados no português de Portugal como “bicha”, “bica” (que, no português brasileiro, têm significados diferentes) e “peúgas” (que não é usado no português do Brasil); explicita-se nessa quebra uma das várias diferenças entre o português brasileiro e o europeu.

Exemplo Acima da Média

a) O pressuposto da personagem é de que, com o Acordo Ortográfico, a língua portuguesa seria padronizada em todo o mundo. Esse pressuposto é inadequado porque o acordo pode apenas unificar a ortografia, sem contudo, acabar com as diferentes variantes do português no que se refere à sintaxe, à concordância e ao vocabulário.

b) Esse pressuposto é quebrado, na tira, através da leitura de um trecho de um livro português. Embora nele a ortografia já esteja de acordo com as normas ortográficas unificadas, o seu entendimento é comprometido, pois faz uso do vocabulário específico da variante de Portugal da língua. Assim, o texto e os quadros indicam que, embora possa se unificar a ortografia, as diferenças entre as variantes linguísticas ainda existem.

Exemplo Abaixo da Média

a) O pressuposto que o personagem defende entre o acordo
pa de países de língua portuguesa é que todos os países
concordaram com ele. Esse pressuposto está errado pois
Portugal por exemplo não aderiu esse acordo.

b) Esse pressuposto é quebrado quando se encontra diversas
palavras não usadas no Brasil em um livro português (de
portugal), sendo que de acordo com esse pressuposto, nós
podemos publicá-lo aqui sem problemas, o que não
é verdade.

Comentários

A quinta questão explorava o funcionamento semântico da pressuposição, a compreensão da dimensão do alcance do acordo ortográfico, fato político-linguístico importante, e a consideração da existência da variação linguística (tanto no interior de um país, quanto entre diferentes países que falam uma “mesma” língua oficial). Justamente por uma grande parte dos candidatos desconhecer o alcance do acordo – que afeta tão somente as convenções gráficas da língua portuguesa sem impacto nos seus aspectos prosódicos, semânticos, sintáticos e discursivos, que mostram diferenças nos países falantes de português – houve grandes equívocos na compreensão do pressuposto (uma vez que boa parte dos candidatos credita veracidade ao pressuposto expresso pela personagem). A variação linguística e o real impacto do acordo ortográfico eram explorados de forma mais direta no item **b**. Poucos candidatos fizeram a relação entre a diferença no nível semântico e lexical (pois as três palavras eram exemplos de sentidos diferentes e também de palavra inexistente em uma das variedades) com a variação linguística, não generalizando o fato, mas circunscrevendo-o a uma situação específica.

6. A propaganda abaixo explora a expressão idiomática “não leve gato por lebre” para construir a imagem de seu produto:

NÃO LEVE GATO POR LEBRE

SÓ BOM BRIL É BOM BRIL

- a) Explique a expressão idiomática por meio de duas paráfrases.
- b) Mostre como a dupla ocorrência de BOM BRIL no slogan “SÓ BOM BRIL É BOM BRIL”, aliada à expressão idiomática, constrói a imagem do produto anunciado.

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Várias são as paráfrases possíveis. Algumas delas são: Não leve um produto inferior como um produto superior; não leve uma coisa pensando que é outra; não confunda coisas que são parecidas, mas diferentes; não compre um produto que só tem aparência de bom.

b) (2 pontos)

Na primeira ocorrência, "Bom Bril" é nome próprio e na segunda, substantivo comum, pois o nome próprio é ressignificado como nome genérico (palha de aço), ou seja, usa-se a marca pelo produto. Observamos, nessa circularidade, aliada à expressão "não leve gato por lebre", uma escala valorativa (tipo "Brastemp"), mostrando o produto como "ímpar" em sua categoria, não igualado pelos demais, ou seja, Bom Bril é lebre e os concorrentes são gatos.

Exemplo Acima da Média

a. "Não leve uma coisa pensando que é outra" ou "Não leve o falso como verdadeiro" são paráfrases que podem substituir e auto-explicar a expressão idiomática a que se faz referência.

b. A dupla ocorrência de Bom Bril faz referência à metonímia do Produto pela marca, ou seja, Bom Bril é uma marca de palha de aço, e esta é comumente normalmente referida como Bom Bril. Assim, a propaganda alerta aos consumidores que as outras marcas de palha de aço não dão Bom Bril, pois não tem a qualidade que ele tem. A partir disso, constrói-se a imagem de que não Bom Bril é a verdadeiro palha de aço, e por isso deve ser consumido. Sendo o "gato" as outras marcas e "lebre" a marca Bom-Bril.

Exemplo Abaixo da Média

a) Não troque seis por meia dúzia

b) Com a dupla ocorrência de BOM BRIL a propaganda reforça a ideia de que Bom Bril é o único produto capaz de ser o melhor, e como o nome Bom Bril não forma uma marca e sim o nome do produto (lá de aço)

Comentários

Nessa questão, procurava-se enfatizar a importância do conhecimento do mecanismo da paráfrase como um modo de compreender a significação de palavras e expressões. Além disso, procurava-se chamar a atenção para formas diversas de trabalhar a linguagem como o uso do processo metonímico, comum nas propagandas. A principal dificuldade nessa questão foi o conhecimento da paráfrase e de escolhas adequadas ao sentido da expressão idiomática "não leve gato por lebre". Os candidatos tiveram dificuldade em construir paráfrases que

indicassem o sentido de engodo presente na expressão idiomática. Apesar de o item **b** ter se apresentado como mais familiar aos candidatos, poucos exploraram a relação entre o funcionamento da metonímia presente na propaganda e o sentido de engodo presente na expressão idiomática.

7. No excerto abaixo, o romance *Iracema* é aproximado da narrativa bíblica:

Em *Iracema*, (...) a paisagem do Ceará fornece o cenário edênico para uma adaptação do mito da Gênese. Alencar aproveitou até o máximo as similaridades entre as tradições indígenas e a mitologia bíblica (...). Seu romance indianista (...) resumia a narrativa do casamento inter-racial, porém (...) dentro de um quadro estrutural pseudo-histórico mais sofisticado, derivado de todo um complexo de mitos bíblicos, desde a Queda Edênica ao nascimento de um novo redentor. (David Treece, *Exilados, aliados, rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação imperial*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2008: p. 226, 258-259.)

Partindo desse comentário, responda às questões:

- Que associação se pode estabelecer entre os protagonistas do romance e o mito da Queda com a consequente expulsão do Paraíso?
- Qual personagem poderia ser associada ao "novo redentor"? Por quê?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Na comparação proposta pelo trecho citado, Iracema, a virgem de Tupã, seria vista como uma espécie de Eva indígena que, como no Gênesis, seduz Martim (equiparado a Adão) não propriamente com o fruto proibido, mas com o licor da jurema. A fuga e a perseguição dos amantes seriam os equivalentes da Queda e da consequente expulsão do Paraíso na narrativa bíblica. Por associação ao mito bíblico, também se poderia dizer que cai sobre Iracema o castigo do *parto com dor*, que marca o nascimento de Moacir, "filho do sofrimento".

b) (2 pontos)

O novo redentor seria representado por Moacir, filho de Martim e Iracema, que, além de ser o primeiro cearense, é o primeiro mestiço, representando assim não só o nascimento de um novo povo (o brasileiro), mas a possibilidade de uma união harmônica entre as duas raças (a do colonizador e a do colonizado).

Exemplo Acima da Média

of. a) OS PROTAGONISTAS DO ROMANCE, IRACEMA E O GUERREIRO MARTIM, REPRESENTAM, SEGUNDO O TEXTO, ADAÔ E EVA; DA MESMA FORMA QUE OS DOIS ÚLTIMOS CAÍRAM EM PECADO POR ASSIM DIZER, E FORAM EXPULSOS DO PARAÍSO, IRACEMA, AO SE ENTREGAR A MARTIM, TEVE DE DEIXAR SUA TRIBO (TABAJARAS), POIS ELA ERA COMO UMA SACERDOTISA QUE GUARDAVA O SEGREDO DA JUREMA. ASSIM, OS DOIS CASAIS FORAM "EXPULSOS": ADAÔ E EVA DO PARAÍSO, E IRACEMA E MARTIM DE PERTOS DOS TABAJARAS: A PRIMEIRA, POIS DECIU VIVER SEU AMOR, FUGINDO E O SEGUNDO, POR TER TRAIÇÃO A CONFIANÇA DE QUEM O RECEBEU.

b) O PERSONAGEM QUE PODERIA SER ASSOCIADA "AO NOVO REDENTOR" É O MOACIR - FILHO DA DOR -, FRUTO DO ROMANCE ENTRE OS PROTAGONISTAS MARTIM E IRACEMA. POR REPRESENTAR O SURTIAMENTO DO PRIMEIRO BRASILEIRO E POR CONSEQUÊNCIA DA NAÇÃO COMO UM TODO, MOACIR É A REDENÇÃO, O AMOR "INTER-RACIAL" (PORTUGUESES E BRASILEIROS).

Exemplo Abaixo da Média

a) Se pode entender que em ambos os casos os ^{protagonistas} ~~protagonistas~~ fugem algo considerado proibido e imoral e por isso acabam por sofrer ~~consequências~~ ^{proibidos} de muitas coisas.

b) o filho de Iracema pois ao Nascer ele acaba por criar um sentimento de esperança dentro os seus semelhantes.

Comentários

No item **a**, a questão exigia dos candidatos além da leitura do romance de Alencar o conhecimento do mito bíblico da Queda e da expulsão do Paraíso. A partir daí o candidato deveria estabelecer uma série de relações entre os dois textos: a do par Iracema e Martim com o par bíblico Eva e Adão, o fruto proibido que Eva oferece a Adão com o licor da Jurema que Iracema oferece a Martim e cujo segredo deveria manter, o da fuga dos amantes com a expulsão do Paraíso e também a condenação da mulher ao parto com dor. A exigência de conhecimento do texto bíblico não foi problema, pois a quase totalidade dos candidatos demonstrou conhecê-lo mesmo que de fontes indiretas. A maioria conseguiu estabelecer a relação mais evidente, aquela entre os dois casais, mas frequentemente as respostas não foram além disso. Houve uma grande quantidade de respostas bastante vagas, aludindo a proibições e interditos que não chegam a ser definidos (como se pode ver no exemplo de resposta abaixo da média). Muitos também identificaram a queda à perda da virgindade de Iracema. No que se refere às consequências, a identificação da fuga dos amantes com a expulsão do Paraíso foi a mais mencionada; a outra possibilidade, a do parto com dor, foi mais rara.

Para o item **b** esperava-se que o candidato identificasse o filho de Iracema e Martim, Moacir, com o novo redentor, isto é, Jesus Cristo, e justificasse essa identificação por Moacir ser o primeiro cearense e também o primeiro mestiço, que apontava para a possibilidade de um encontro harmônico entre o colonizador português e o nativo. Este item se mostrou de fácil resposta, pois só em raríssimos casos um candidato não era capaz de apontar quem seria no romance esse novo redentor. Uma boa parte dos candidatos, porém, não deu uma justificativa satisfatória para essa identificação (como também se pode ver na resposta abaixo da média).

8. Leia o seguinte comentário a respeito de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo:

Com efeito, o que há n' *O Cortiço* são formas primitivas de amealhamento*, a partir de muito pouco ou quase nada, exigindo uma espécie de rigoroso ascetismo inicial e a aceitação de modalidades diretas e brutais de exploração, incluindo o furto (...) como forma de ganho e a transformação da mulher escrava em companheira-máquina. (...) Aluísio foi, salvo erro meu, o primeiro dos nossos romancistas a descrever minuciosamente o mecanismo de formação da riqueza individual. (...) N' *O Cortiço* [o dinheiro] se torna implicitamente objeto central da narrativa, cujo ritmo acaba se ajustando ao ritmo da sua acumulação, tomada pela primeira vez no Brasil como eixo da composição ficcional. (Antonio Candido, *De cortiço a cortiço*. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 129-3.)

***amealhar**: acumular (riqueza), juntar (dinheiro) aos poucos

- Explique a que se referem o rigoroso ascetismo inicial da personagem em questão e as modalidades diretas e brutais de exploração que ela emprega.
- Identifique a “mulher escrava” e o modo como se dá sua transformação “em companheira-máquina”.

Resposta Esperada**a) (2 pontos)**

O rigoroso ascetismo diz respeito ao modo como João Romão, no seu delírio de enriquecer, enfrenta, com ardor e resignação, o trabalho duro, a vida austera e as maiores privações, abdicando do mínimo conforto. As formas de exploração utilizadas por João Romão, vão desde a edificação das casas do cortiço (com o roubo dos materiais de construção), o modo como explora os moradores e os trabalhadores da pedreira, obrigando-os a comprar na sua venda, onde são extorquidos, até o roubo direto, como no episódio do incêndio, em que se apodera à força das garrafas cheias de dinheiro que Libório avaramente guardou por toda a vida. Isso sem falar na exploração de Bertoleza, referida no próximo item.

b) (2 pontos)

A "mulher-escrava" é Bertoleza, que acompanha a ascensão de João Romão como amante e como escrava (no "papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante"), ajudando-o a enriquecer às custas dos rendimentos obtidos com sua quitanda. É enganada por ele, pois entrega-lhe os lucros de seu trabalho para comprar sua carta de alforria do antigo senhor. Romão se apropria do dinheiro, apresenta-lhe uma carta de alforria falsa e, quando ela se torna um empecilho a suas pretensões de se casar com Zulmira, ele a denuncia como escrava foragida. Quando Romão tenta entregá-la ao antigo dono, forçando seu retorno à escravidão, Bertoleza foge pelo suicídio.

Exemplo Acima da Média

a) O rigoroso ascetismo inicial de João Romão está relacionado à sua avareza: apesar do dinheiro que ganha, ele economiza radicalmente, abdicando não de melhorar sua moradia, de comprar mais e novas roupas, de comer melhor para amalhar. As modalidades de exploração que emprega vão desde um pagamento de ordenado inferior ao justo ao ciclo de endividamento que cria aos seus inquilinos, monopolizando a moradia, os bens de consumo (comida, roupas) e até utensílios de trabalho (como as tinas das lavadeiras). Tudo o dinheiro que entra no cortiço, portanto, acaba, de uma maneira ou outra, em suas mãos.

b) A "mulher escrava" é Bertoleza, a qual João Romão emprega em sua venda depois de falsa alforria da escrava. Ao longo da narrativa, Bertoleza se torna a amante, a companheira e a "máquina" de João Romão, trabalhando exaustivamente na venda e supervisionando-a.

Exemplo Abaixo da Média

a) João Romão explorava as pessoas que moravam no cortiço. Ele viajava ter uma vida e ser reconhecido como gente da alta sociedade, por isso tinha essa maneira de tratar seus agregados e ~~foi~~ a partir daí, ir acumulando riquezas cada vez mais, já que veio de uma classe social mais baixa. Chegou até a despejar alguns moradores.

b) Ele usou a mulher escrava para poder começar seu negócio como dono do cortiço. Ela que era ~~apenas~~ viúva, e tinha um pouco de dinheiro, ao se envolver com João Romão ajudou o mesmo com o dinheiro que tinha, e com o espaço oferecido. Ela foi fundamental para a ascensão de João Romão. Seu nome era Maria.

Comentários

Tanto o item **a** quanto o **b** exigiam que o candidato tivesse bem presente o enredo do romance, e fosse capaz de identificar os elementos dele que são referidos no trecho citado: para o item **a**, o ascetismo de João Romão, que se priva de qualquer conforto a fim de acumular riqueza, e as diversas formas pelas quais ele explora os moradores do cortiço e Bertoleza; para o item **b**, identificar Bertoleza como a companheira-máquina e justificar esse epíteto pelas formas pelas quais ele a explora tanto no trabalho como sexualmente.

Houve muitas respostas bastante completas para o item **a** (como no exemplo acima da média), mas foram também bastante frequentes respostas parciais, que abordavam apenas um dos dois elementos, ou mesmo a fusão (ou confusão) entre ascetismo e exploração, e também o aparente desconhecimento do que significa a palavra (como se pode notar no exemplo de resposta abaixo da média).

No que se refere ao item **b**, a maior parte dos candidatos conseguiu identificar Bertoleza como a companheira-máquina e também por que foi qualificada assim. Mas também houve casos (como no exemplo de resposta abaixo da média) em que o candidato ou não tinha presente o enredo do romance ou não foi capaz de entender o que permitia chamá-la assim. Curioso também foi que muitos candidatos não se lembravam de um nome tão marcante como é o da personagem em questão, errando-o completamente (como no exemplo de resposta abaixo da média) ou deformando-o (por exemplo: Bertonisa, Bertonilda, Bertola).

9. O excerto abaixo, de *Vidas Secas*, trata da personagem sinha Vitória:

Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula. Sinha Vitória ofendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria despropositado. Efetivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos, faziam-lhe calos. Equilibrava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito. Desfeitas essas nuvens, curtidos os dissabores, a cama de novo lhe aparecera no horizonte acanhado. Agora pensava nela de mau humor. Julgava-a inatingível e misturava-a às obrigações da casa. (...) Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca (...). Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse

realidade. (...) Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se – e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. (...) Olhou de novo os pés espalmados. Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem dúvida, matuto anda assim. Para que fazer vergonha à gente? Arreliava-se com a comparação. Pobre do papagaio. Viajara com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. Gaguejava: - "Meu louro." Era o que sabia dizer. Fora isso, aboiava arremedando Fabiano e latia como Baleia. Coitado. Sinha Vitória nem queria lembrar-se daquilo. (Graciliano Ramos, *Vidas secas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007, p.41-43.)

- a) Por que a comparação feita por Fabiano incomoda tanto sinha Vitória? Que lembrança evoca?
- b) Tendo em vista a condição e a trajetória de sinha Vitória, justifique a ironia contida no nome da personagem. Que outra personagem referida no excerto acima também revela uma ironia no nome?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

A comparação incomoda sinha Vitória não só porque enfatiza, aos olhos do marido, a imagem desengonçada e mesmo ridícula da matuta desacostumada com o uso de calçados (ainda mais de salto alto!), mas, sobretudo, porque traz a lembrança do papagaio que acompanhava a família de retirantes em sua errância e que, logo no primeiro capítulo do romance, fora sacrificado por ela para "aliviar" a fome de todos, inclusive da cachorra. A culpa pelo ato "bárbaro" (afinal o papagaio era como se fosse *um dos seus*, assim como a cachorra Baleia) torna o assunto uma espécie de tabu entre todos, embora sua lembrança esteja sempre presente.

b) (2 pontos)

O nome sugere alguém que vence, triunfa ou realiza seus ideais, exatamente o oposto da trajetória e da condição efetiva de sinha Vitória. O excerto trata de demonstrar como tudo em sua vida resultou em fracasso. Nesse sentido, a cena do cuspe é emblemática de toda a trajetória da personagem (e mesmo de toda sua família), que vive na miséria absoluta do retirante expulso pela seca, sem possibilidade de obter sequer alimento, trabalho e pouso certo, que dirá a tão sonhada cama de couro, que, inclusive, aponta para o quão pobres são os próprios desejos da personagem. A outra personagem que revela ironia no nome é a cachorra Baleia, por sua magreza extrema e pelo fato de viver no sertão.

Exemplo Acima da Média

a) João Romão explorava as pessoas que moravam no cortiço. Ele viajava ter uma vida e ser reconhecido como gente da alta sociedade, por isso tinha essa maneira de tratar seus agregados e foi a partir daí, ir acumulando riquezas cada vez mais, já que veio de uma classe social mais baixa. Chegou até a despejar alguns moradores.

b) Ele usou a mulher escrava para poder começar seu negócio como dono do cortiço. Ela que era ~~apenas~~ viúva e tinha um pouco de dinheiro, ao se envolver com João Romão ajudou o mesmo com o dinheiro que tinha, e com o espaço oferecido. Ela foi fundamental para a ascensão de João Romão. Seu nome era Maria.

Exemplo Abaixo da Média

a) Porque da mãe queria parecer-se com um papagaio mas não com a mulher da fazendeiro, que a tempos havia sido patrão de Salicorre.

A lembrança da carne de carne da fazendeiro é esquecida.

b) A ~~vida~~ ~~inimica~~ inimica está no nome V. Vitória, pois nada do que as personagens queria havia acontecido, era uma desatenda.

Palmeira: outra inimica já que não remete ao mar e suas águas salgadas, porém a cadela bebe água mas não quer como suas donas.

Comentários

No item a o candidato deveria demonstrar, além do conhecimento do romance, a capacidade de acompanhar as associações de idéias que a comparação feita por Fabiano desencadeia em sinha Vitória: além do sentimento de ridículo, a lembrança do papagaio que fora sacrificado e comido durante o tempo em que estiveram em busca de um lugar onde se estabelecerem. Houve com frequência respostas que davam conta dessas exigências. O maior problema nas respostas abaixo da média se dava ou por que o candidato não foi capaz de relacionar as lembranças de sinha Vitória com a morte do papagaio (como no exemplo acima) ou por só dar conta de

responder ao item pela metade, referindo-se apenas ao sentimento de ridículo da matuta em trajes de festa, ou à lembrança da morte do papagaio.

O item **b** era bastante fácil, e a maior dificuldade dos candidatos não foi identificar os nomes que carregam uma carga irônica, e sim justificar essa ironia. De um modo geral a quase totalidade apontou os nomes de sinha Vitória e de Baleia. Curiosa foi a frequência com que alguns candidatos afirmaram que o nome de sinha Vitória, ao ser pronunciado, soava como “sim à Vitória”. Possivelmente constava em algum material didático utilizado por eles. Embora não possa ser considerada uma resposta incorreta, a leitura soa desnecessariamente forçada, além de não acrescentar nada à resposta, pois bastava apontar que Vitória é, no caso, o nome de uma personagem que em sua vida só conheceu reveses.

10. O poeta Vinicius de Moraes, apesar de modernista, explorou formas clássicas como o soneto abaixo, em versos alexandrinos (12 sílabas) rimados:

Soneto da intimidade

Nas tardes de fazenda há muito azul demais.
Eu saio às vezes, sigo pelo pasto, agora
Mastigando um capim, o peito nu de fora
No pijama irreal de há três anos atrás.

Desço o rio no vau dos pequenos canais
Para ir beber na fonte a água fria e sonora
E se encontro no mato o rubro de uma amora
Vou cuspidinho o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme
E quando por acaso uma mijada ferve

Seguida de um olhar não sem malícia e verve
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma.

Vinicius de Moraes, *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 86.)

- a) Essa forma clássica tradicionalmente exigiu tema e linguagem elevados. O “Soneto da intimidade” atende a essa exigência? Justifique.
- b) Como os quartetos anunciam a identificação do eu lírico com os animais? Como os tercetos a confirmam?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Não, a forma é clássica, mas o tema e a linguagem são bastante prosaicos. O título do soneto sugere um assunto elevado, como se o eu lírico quisesse revelar seus sentimentos e pensamentos mais íntimos num nível de linguagem e estilo condizentes, solenes. Mesmo a cena de abertura do eu caminhando pelos campos lembra os tradicionais poemas meditativos, em que o poeta se ocupa da contemplação da paisagem, entregando-se a altas ou sublimes reflexões em sintonia com seus sentimentos mais íntimos. No entanto, a “intimidade” que ele, por fim, revela ao leitor é das mais banais: a cumplicidade da *mijada* (atente-se ao nível vulgar dos termos) *em comum numa festa de espuma* que iguala o poeta (e o homem em geral) aos demais animais. Esse rebaixamento produz o humor presente no soneto. Nesse humor ou ironia está o traço de modernidade do poema, que entra em dissonância com a solenidade da forma clássica. Ainda em termos de linguagem, pode-se destacar como o eu, buscando enfatizar a beleza do cenário natural, acaba recorrendo, também de forma irônica, a um vício de linguagem: a redundância ou o pleonasmo em *muito azul demais* e *o peito nu de fora* – que, embora empregado em uma situação de fala mais informal, seria inaceitável num texto escrito tão elaborado quanto um poema (ainda mais um soneto clássico!).

b) (2 pontos)

Nos quartetos, essa identificação é preparada pelos gestos ou ações do eu lírico que lembram o comportamento típico dos bois: ele segue, de peito nu, pelo pasto, agora mastigando capim (1ª. estrofe) e desce no vau de um rio para beber a água na fonte (2ª. estrofe). Já nos tercetos, essa identificação se confirma pelo modo como vacas e bois olham *sem ciúme* para o eu perto deles nos currais, pela própria cumplicidade da *mijada em comum* e, sobretudo, pelo emprego da 1ª. pessoa do plural pelo eu lírico para se referir a ele e aos bois e vacas como sendo todos *animais*.

Exemplo Acima da Média

a) Não pois o soneto geralmente vem acompanhado de temas mais clássicos de reflexões, metafísica e temas universais. Neste caso a temática corresponde ao cotidiano com cenas inusitadas e inadequadas para um soneto como a descrição do ato de urinar. Além disso há palavras e expressões que denotam a precariedade da qualidade da linguagem como em: "muito azul demais", "cuspindo-lhe o sangue", "estreme", "mijada febre" "mijamos".

b) Nos quartetos, as ações do eu lírico são semelhantes a dos animais, como por exemplo o eu lírico anda pelo pasto (mesmo ambiente dos animais), parte do corpo descoberto ("peito nu de fora"), bebe a mesma água que os animais, no canal que passa ("Para beber na fonte a água fria e sonora"). Nos tercetos a confirmação dá-se na respiração do mesmo cheiro de urina e no ato comum de urinar ("Mijamos em comum"), além da relação de igualdade e identificação entre o eu lírico e os animais ("Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme"; "Nós todos, animais").

Exemplo Abaixo da Média

a) O monico não atende a esse exigência, pois não possui um tema e linguagem elevadas. O ambiente do monico são animais urinando e ele se comporta com estes animais como se fosse um deles. Por isso que Venicius de Moraes era um poeta modernista, escreveu uma forma clássica para falar de coisas absurdas.

b) No primeiro ~~quarto~~ ~~quarto~~ ele diz que vai pelo pasto mastigando. No segundo diz que bebe na fonte de água. No primeiro terceto diz que as vacas e bois o olham sem ciúme. E no último diz: "Nós todos, animais...". Todos estes trechos mostram como ele se identifica com os animais, como se fosse um deles.

Comentários

Para responder plenamente ao item a da questão, o candidato deveria atentar para vários aspectos do poema. O tema sugere algo de acordo com a tradição, mas esta expectativa é logo quebrada pelas imagens do eu lírico caminhando de peito nu pelo pasto, pelas cuspidas e pela mijada em comum. No que se refere à linguagem, a vulgaridade da escolha lexical também rompe com a expectativa criada por um poema em estilo tradicional. A

grande maioria dos candidatos acertou ao responder negativamente à pergunta. Quanto à justificativa, as respostas variaram entre apontar os vários aspectos a serem considerados até se limitar a apontar um deles, muitas vezes de maneira pouco precisa. Uma comparação entre os exemplos de resposta acima e abaixo da média podem dar uma idéia dessa variação. Um ponto curioso a ser assinalado foi o pudor de muitos candidatos, que evitaram repetir em suas respostas as expressões mais rudes utilizadas pelo poeta, preferindo se servir de rodeios ou sinônimos menos agressivos.

A resposta ao item **b** deveria diferenciar entre as ações preparatórias da identificação e as que a confirmam. Aqui também, como se pode ver pela comparação entre os exemplos de resposta acima e abaixo da média, o grau de detalhamento das ações e também de precisão da análise delas foi determinante para a pontuação obtida, sendo raros os casos em que o candidato errou totalmente a resposta.

11. Leia o trecho abaixo de *A cidade e as serras*:

– Sabes o que eu estava pensando, Jacinto?... Que te aconteceu aquela lenda de Santo Ambrósio... Não, não era Santo Ambrósio... Não me lembra o santo. Ainda não era mesmo santo, apenas um cavaleiro pecador, que se enamorara de uma mulher, pusera toda a sua alma nessa mulher, só por a avistar a distância na rua. Depois, uma tarde que a seguia, enlevado, ela entrou num portal de igreja, e aí, de repente, ergueu o véu, entreabriu o vestido, e mostrou ao pobre cavaleiro o seio roído por uma chaga! Tu também andavas namorado da serra, sem a conhecer, só pela sua beleza de verão. E a serra, hoje, zás! de repente, descobre a sua grande chaga... É talvez a tua preparação para S. Jacinto. (Eça de Queirós, *As cidades e as serras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p. 252.)

- a) Explique a comparação feita por Zé Fernandes. Especifique a que chaga ele se refere.
- b) Que significado a descoberta dessa chaga tem para Jacinto e para a compreensão do romance?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Zé Fernandes compara o encantamento de Jacinto com o que um homem sente diante de uma bela mulher que ainda não lhe revelou seus defeitos. Tal comparação revela que o encantamento que Jacinto sentia pelas serras, causado afinal pelo tédio e pela saciedade que trouxera de Paris, o havia impedido até então de suspeitar que aquela beleza escondia uma chaga – representada pela pobreza em que vivia uma boa parte da população daquela região. Revela também que o ponto de vista do narrador Zé Fernandes é mais limitado que o de Jacinto, pois aquele já conhecia essa realidade, mas não dá mostras de se incomodar com ela, embora tenha em outras ocasiões se mostrado indignado com a pobreza em Paris.

b) (2 pontos)

A descoberta da chaga provoca uma profunda mudança em Jacinto. Ele deixa de ser apenas um rico proprietário que desfruta das vantagens de seu nascimento e supera o tédio vital de que tinha sido acometido – até então o único responsável por seu encantamento diante da serra – pela ação social. Nesse sentido, a descoberta da pobreza mudou a atitude de Jacinto da contemplação passiva para a intervenção ativa.

Outra possibilidade é argumentar que a transformação de Jacinto não é tão radical quanto parece, e que, de certa forma, sua ação contra a pobreza não se deve a sentimentos humanitários, e sim a uma continuação de seu esteticismo – a pobreza deve ser afastada não porque causa sofrimentos, mas porque é feia, perturba a fruição estética da beleza natural da serra. Isso necessariamente limitaria o alcance de suas ações e denunciaria a presença de uma visão paternalista de sociedade no romance e o caráter messiânico de seu apregoado socialismo (o que seria confirmado pela profecia da transformação de Jacinto em santo).

Para a compreensão do romance, o episódio é importante por revelar que a oposição cidade X serra, ou campo X cidade, ou França X Portugal não é simplista, quer dizer, não é a idealização de um dos polos contra o outro. Se o culto da modernidade na vida parisiense de Jacinto era frívolo e superficial, se a vida moderna na capital francesa corre o tempo todo o risco da esterilidade, a descoberta da beleza e plenitude da vida nas serras não esconde a necessidade de tirá-las do atraso. Nesse sentido, a chaga serve de corretivo à idealização igualmente frívola da vida simples e – na medida em que Jacinto não deixará de introduzir algumas conquistas da civilização (como o telefone) em suas propriedades – mostra que o romance se orienta pela busca do equilíbrio entre civilização e natureza, e não pela oposição entre elas.

Exemplo Acima da Média

- a) Zé Fernandes compara a serra com a mulher por quem Santo Ambrósio se enamorara. O amor platônico de Santo Ambrósio por sua musa era forte até o momento em que tem conhecimento das chagas que ela trazia no seio. Assim Jacinto amava platonicamente a serra até o ponto em que conhece seus problemas e seu lado não idealizado. A chaga se trata da pobreza existente dentro da quinta de Tormes, onde empregados eram privados de comodidades básicas.
- b) Para Jacinto toda (essa) erum flores na serra, queria produzir queijo fino e apreciar a vida do campo. Ao visitar um empregado doente, toma consciência da real situação da quinta de Tormes: esse momento é ~~esse~~ crucial para o amadurecimento de Jacinto, para que ele reflita o que havia dentro de si, se tornando protetor de seus empregados, um homem com reais objetivos. Para o romance, a descoberta do lado difícil da vida em Tormes traz uma visão ~~de~~ completa da vida do campo, menos unilateral e idealizada; mostrando assim que ambas cidade e serra tem seus bons e maus aspectos (fechando a teu de equilíbrio entre civilização e natureza; modernidade e tradição).

Exemplo Abaixo da Média

- a) Zé Fernandes quis dizer que Jacinto via de longe a beleza da serra e que não via os defeitos. É a chaga mencionada é a pobreza e o atraso do povo que na serra mora.
- b) Para Jacinto, tem o significado que a serra não é só maravilhas e que o ideal seria a tecnologia da cidade e o bem-estar que o campo traz.

Comentários

Para responder satisfatoriamente ao item **a** da questão, o candidato precisaria ter bem presente o enredo do romance de Eça de Queirós, e apontar o encantamento de Jacinto pela serra, consequência de seu cansaço da vida na capital francesa. O tédio que sentia em Paris é o responsável pelo encantamento com a vida rústica, mas tal encantamento é desfeito no momento em que ele descobre a situação de pobreza e privações em que vive boa parte dos habitantes da serra. Esta é a chaga a que se refere Zé Fernandes ao comparar a experiência de Jacinto com a história de Santo Ambrósio.

No item **b** o candidato deveria também se referir ao enredo do romance, mostrando como a descoberta da pobreza existente na serra transforma Jacinto em um homem de ação, e também como as ações de Jacinto apontam para uma busca de equilíbrio, fazendo a crítica do progresso sem deixar de reconhecer seus aspectos positivos e o bem-estar que pode proporcionar. Uma comparação entre os exemplos de resposta acima e abaixo

da média mostra como as respostas dos candidatos variaram entre a simples constatação desses aspectos do romance e a constatação de sua importância para a compreensão do romance.

12. Leia o trecho abaixo, do capítulo “As luzes do carrossel”, de *Capitães da Areia*:

O sertanejo trepou no carrossel, deu corda na pianola e começou a música de uma valsa antiga. O rosto sombrio de Volta Seca se abria num sorriso. Espiava a pianola, espiava os meninos envoltos em alegria. Escutavam religiosamente aquela música que saía do bojo do carrossel na magia da noite da cidade da Bahia só para os ouvidos aventureiros e pobres dos Capitães da Areia. Todos estavam silenciosos. Um operário que vinha pela rua, vendo a aglomeração de meninos na praça, veio para o lado deles. E ficou também parado, escutando a velha música. Então a luz da lua se estendeu sobre todos, as estrelas brilharam ainda mais no céu, o mar ficou de todo manso (talvez que lemanjá tivesse vindo também ouvir a música) e a cidade era como que um grande carrossel onde giravam em invisíveis cavalos os Capitães da Areia. Nesse momento de música eles sentiram-se donos da cidade. E amaram-se uns aos outros, se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e conforto da música. Volta Seca não pensava com certeza em Lampião nesse momento. Pedro Bala não pensava em ser um dia o chefe de todos os malandros da cidade. O Sem-Pernas em se jogar no mar, onde os sonhos são todos belos. Porque a música saía do bojo do velho carrossel só para eles e para o operário que parara. E era uma valsa velha e triste, já esquecida por todos os homens da cidade. (Jorge Amado, *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 68.)

- a) De que modo esse capítulo estabelece um contraste com os demais do romance? Quais são os elementos desse contraste?
- b) Qual a relação de tal contraste com o tema do livro?

Resposta Esperada

a) (2 pontos)

O capítulo estabelece um contraste com os demais do livro opondo a alegria e a despreocupação do momento em que os capitães da areia brincam no carrossel à luta pela sobrevivência que os ocupa ao longo de todo o romance. Nesse sentido, o capítulo lhes restitui a infância roubada por preocupações que deveriam ser apenas dos adultos. Elementos desse contraste são a alegria da música em lugar da fome. O carinho da vida em família – nesse momento são todos irmãos – em lugar da solidão. A cidade como um imenso brinquedo, e não como o lugar da luta pela sobrevivência, cheio de perigos. Em resumo: a inocência da infância em lugar da consciência da vida adulta.

b) (2 pontos)

Capitães da Areia é um romance sobre a infância abandonada. Em contraste com os demais capítulos do livro, que acentuam a precocidade dos Capitães da Areia, este acentua o fato de ainda serem crianças. O ponto de vista do romance, portanto, é o de que suas atitudes violentas são decorrentes da carência de tudo o que caracterizaria uma infância feliz – eram todos sem carinho e sem conforto. No momento em que recebem o carinho e o conforto da música, esquecem o seu dia a dia violento, e mesmo os seus sonhos de triunfarem pela violência – como chefes de bando, cangaceiros – ou de fugirem dela pela morte. A imagem da cidade, palco de suas ações violentas, ganhando a aparência de um grande brinquedo, um grande carrossel, está em consonância com a proposta de revolução política do romance, que é responsável por seu desfecho, afinal, esperançoso.

Exemplo Acima da Média

a) Esse capítulo estabelece um contraste com os demais porque os Capitães da Areia aparecem como meninos, crianças e que nos outros não acontece, pois não existe quem como plenamente homem: e nasce, e cresce, e desceja, as crianças se concentram somente a lutar, ao quase esquecimento da condição de "crianças" dos Capitães da Areia. Os elementos estão no cenário de Volta Redonda, na alegria dos meninos perante o carnaval, na fascinação no carinho e conforto que eles sentiam.

b) Tal contraste é utilizado para demonstrar que os Capitães da Areia podem ser como quaisquer outras crianças. O livro denuncia a sociedade e o capítulo de certa forma a culpa pela não fornecimento de opções aos Capitães da Areia. Eles poderiam ser crianças normais, no entanto, a sociedade individualista não fornece a atenção e carinho necessários, condenando-os a marginalidade. Dessa forma, o contraste deriva o tema do romance, a denúncia social mais forte.

Exemplo Abaixo da Média

a) Nesse capítulo os capitães da areia se comportam como crianças que eram, diferente dos outros que capitães capítulos em que eles agem como se fossem adultos.

b) O livro conta a história de meninos de rua, que brigavam, roubavam, tinham relações sexuais, ou seja, eram crianças, mas viviam como adultos.

Comentários

Pressuposto tanto do item **a** quanto do **b** é a compreensão de que *Capitães da Areia* é um romance sobre a infância abandonada. A partir daí, na resposta ao item **a**, o candidato deveria apontar o contraste entre o capítulo em questão, que descreve a alegria das personagens no único momento em que podem se entregar a divertimentos próprios da infância, com os demais, em que são obrigados a agir como adultos e criminosos para sobreviver, e apontar tanto os elementos que provocam a alegria quanto a forma pela qual ela se expressa. Para responder ao item **b**, ele deveria identificar *Capitães da Areia* como um romance de crítica social com uma perspectiva revolucionária. De um modo geral as respostas apontaram um ou outro aspecto dos exigidos pela questão, e a diferença de pontuação se deu pelo grau de compreensão demonstrado pelos candidatos, indo da simples constatação do contraste (como no exemplo de resposta abaixo da média) até a combinação dos diversos aspectos num todo que demonstrasse uma interpretação do romance como um todo (como no exemplo de resposta acima da média).